

A construção SN+V+SN_{NU} e o processo cognitivo de *chunking*¹

The NP+V+NP_{BARE} construction and the cognitive process of chunking

Maria Angélica Furtado da Cunha*

angefurtado@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Aline dos Santos Silva Chaves**

alynnechaves@yahoo.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Este trabalho é parte da dissertação de mestrado (em desenvolvimento) de Aline dos Santos Silva Chaves, que tem como objeto de estudo a construção SN+V+SN_{NU} no Português do Brasil. O objetivo é investigar os construtos dessa construção que constituem *chunks* em textos da esfera digital. Para tanto, caracterizamos os subesquemas dessa construção em termos dos verbos que os constituem e das propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Buscamos demonstrar como esses padrões construcionais se distribuem num *continuum*, conforme o grau de enfraquecimento do sentido lexical do verbo. Analisamos a morfossintaxe e a semântica das instanciações dos *chunks* V+ SN_{NU}, bem como algumas das funções discursivo-pragmáticas que eles podem desempenhar. Essas funções, assim como a lacuna lexical que esses *chunks* preenchem, comprovam a motivação para a existência e o uso dessas unidades sintático-semânticas. A análise segue o modelo teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), com contribuições da Gramática de Construções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2016 [2010]).

PALAVRAS-CHAVE: Construção SN+V+SN_{NU}. *Chunking*. Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT: This paper is part of the dissertation being developed by Aline dos Santos Silva, which focuses on the NP+V+NP_{BARE} construction in Brazilian Portuguese. The aim is to look into the constructs of this construction that form chunks in digital texts. To achieve this goal, we characterize the subschemas of this construction in terms of both the verbs that constitute them and the properties of schematicity, productivity and compositionality. We seek to demonstrate how the constructional patterns are distributed on a continuum according to the degree of weakening of the verb lexical meaning. We analyze the morphosyntax and the semantics of these chunks, as well as some of the discursive-pragmatic functions

¹ Uma primeira versão deste texto foi publicada nos Anais do XXIII Seminário Nacional e X Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (CHAVES; FURTADO DA CUNHA, 2019).

* Professora Titular de Linguística da UFRN, do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), professora visitante da UFPB e bolsista de produtividade do CNPq.

** Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL).

that they can perform. These functions, and the lexical gap that some of these chunks fill in, show the motivation for the existence and the use of these syntactic-semantic unities. The analysis follows the theoretical and methodological framework of Usage-based Functional Linguistics (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013) combined with Construction Grammar (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2016 [2010]).

KEYWORDS: NP+V+NP_{BARE} construction. Chunking. Functional Usage-Based Linguistics.

Considerações iniciais

Este artigo é parte da dissertação de mestrado (em desenvolvimento) de Aline dos Santos Silva Chaves. Fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013) e alinhado à Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001), focaliza, especificamente, uma construção de estrutura argumental representada por Sintagma Nominal + Verbo + Sintagma Nominal_{NU} [SN+V+SN_{NU}]. O objetivo central é investigar os construtos dessa construção que constituem *chunks* em textos da esfera digital do Português Brasileiro (PB).

Uma tese central de modelos teóricos cognitivos-funcionais é que a cognição tem papel fundamental na emergência da gramática e no uso da língua. Nesse sentido, propriedades da estrutura linguística são descritas e interpretadas por meio de processos cognitivos de domínio geral, que operam também em outros domínios, como percepção visual, habilidades musicais e raciocínio matemático, por exemplo. Nesse viés teórico, a língua é concebida como um sistema adaptativo complexo (DU BOIS, 1985; HOPPER, 1987; BYBEE, 2016 [2010]) e a estrutura linguística resulta da aplicação repetida desses processos no uso contextualizado da língua.

Em termos de metodologia, a abordagem é qualitativa e quantitativa: descrevemos e interpretamos propriedades da construção, bem como fatores de natureza comunicativa e cognitiva que regulam, bloqueiam e/ou estimulam os *chunks* e utilizamos o suporte quantitativo a fim de verificar tendências de uso. As instâncias da construção investigada foram coletadas em textos publicados na esfera digital do PB que abordam temas do cotidiano. Nesse material, convergem a língua falada e a escrita, uma vez que são textos escritos que se aproximam da modalidade oral da língua. O total de dados corresponde a 842 *tokens* distribuídos em 122 *types* representados por 34 verbos.

O artigo está organizado do seguinte modo: após as Considerações iniciais, explicitamos as bases teóricas que dão suporte à investigação. Na seção 2, descrevemos a construção SN+V+SN_{NU} e suas manifestações discursivas. A seguir, apresentamos os subesquemas a que essa construção se relaciona, bem como a distribuição deles em um *continuum*. Na seção 4, abordamos os verbos mais recorrentes que instanciam a construção e arrolamos propriedades do SN_{NU}. Na sequência, explicitamos as funções discursivo-pragmáticas que os *chunks* V+SN_{NU} desempenham nos textos investigados. Fechamos com as Considerações Finais.

1 Alinhamento teórico

O modelo teórico-metodológico que norteia a análise é a Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013) articulada à Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Esse modelo integrado de abordagem caracteriza-se, principalmente, pela concepção de língua como uma rede de construções interconectadas em seus diferentes planos, por relações de natureza diversa, cuja estrutura é motivada e regulada por fatores cognitivos, sociocomunicativos e culturais. Decorre dessa compreensão a defesa do estudo da língua com base nesses fatores.

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) concebe a língua como um sistema adaptativo complexo. A ideia de que a língua é uma rede se adapta perfeitamente à afirmação da Linguística Cognitiva de que outros aspectos da cognição também estão estruturados como uma rede. É, também, consistente com a posição de Bybee (2016 [2010]) de que a estruturação linguística emana de processos cognitivos de domínio geral, como nossa capacidade de categorizar, estabelecer relações e operar em níveis locais e globais. Logo, a organização da língua não é intrinsecamente diferente da organização de outros aspectos da cognição.

Na visão da LFCU, a estrutura gramatical é emergente e nenhum dos níveis da língua é autônomo, de modo que fonologia, morfossintaxe, semântica e pragmática atuam juntas na formação e no uso das construções. Esse entendimento conduz ao interesse na interdependência entre forma e função, a qual subsidia explicações da

configuração morfossintática e de fatores semântico-cognitivos e pragmático-discursivos que caracterizam a construção SN+V+SN_{NU}.

A Gramática de Construções (GC) defende o princípio básico de que a língua é constituída de pareamentos forma-função², as chamadas construções, organizados em rede (GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008). As construções são entendidas como unidades simbólicas³ convencionais (LANGACKER, 1987; CROFT, 2005).

Em relação às construções de estrutura argumental, o objetivo da GC é demonstrar que há atributos comuns entre predicados em construções específicas (GOLDBERG, 1995). Desse modo, as construções são padrões que existem independentemente dos predicados lexicais e dos argumentos que estes tomam.

Na proposta de Traugott e Trousdale (2013), a rede construcional se organiza em três níveis hierárquicos: os esquemas, que são generalizações de nível mais alto e mais abstrato, abrangem as construções mais genéricas da rede, com diferentes possibilidades de preenchimento das suas posições (*slots*); os subesquemas, os quais são menos esquemáticos do que os esquemas e estão ligados ao sentido central da construção; as microconstruções, que representam tipos individuais de construção, instanciam os subesquemas e são, por sua vez, instanciadas por construtos (*tokens*), ocorrências empiricamente atestadas, ou instâncias de uso em uma situação específica, produzidas por um falante particular com um propósito comunicativo determinado.

Retomando a caracterização formulada em Langacker (2005), Traugott e Trousdale (2013) elencam três propriedades da construção: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Esquematicidade é uma propriedade de categorização que envolve abstração. A esquematicidade de uma construção está vinculada ao grau em que ela captura padrões mais gerais em um grupo de construções mais específicas. Nesse sentido, as construções de estrutura argumental, organizadas em torno de um determinado tipo sintático-semântico de verbo, formam um grupo de construções abstratas, que se relacionam em uma rede construcional. A construção SN+V+SN_{NU}, por exemplo, apresenta alto grau de

² A parte formal das construções compreende aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, ao passo que a contraparte funcional se refere a propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas (CROFT, 2001).

³ Para uma discussão sobre a arbitrariedade da relação entre forma e função, ver Furtado da Cunha; Silva; Bispo (2016).

esquematicidade, na medida em que nenhum de seus *slots* é especificado lexicalmente, apenas em termos de suas categorias: SN V SN_{NU}.

A produtividade de uma construção diz respeito ao grau em que o esquema sanciona outras construções mais especificadas. Uma construção é considerada produtiva na língua quando o(s) subesquema(s) a ela vinculado(s) sanciona(m) um número considerável de padrões microconstrucionais. Tomando a construção transitiva como exemplo, vemos que ela pode ser instanciada por um grande número de orações em português, já que cada um dos *slots* que a compõem (SN₁ V SN₂) pode ser preenchido por uma ampla variedade de nomes e verbos (FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2018).

A composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado. Uma construção é composicional quando é possível depreender o significado do todo com base no significado das suas partes integrantes; de modo oposto, uma construção é não composicional quando não há correspondência entre a soma do significado de cada item particular e o significado do todo. Como ilustração, tomemos a construção SN+V+SN_{NU} em (1). Pode-se afirmar que ela é composicional visto que o significado da oração destacada corresponde à soma dos significados dos elementos que a compõem. O verbo *cometeu* mantém o significado de praticar, executar, do mesmo modo que *crime* mantém seu sentido referencial.

(1) Uma flor do cerrado

Por falar em Kakay, essa flor do cerrado, ele é mais um a chamar Sérgio Moro de "juiz de exceção". E, claro, afirmou que **Dilma Rousseff não cometeu crime**. (Notícia, O Antagonista. Disponível em: <http://www.oantagonista.com/posts/uma-flor-do-cerrado/>. Acesso em: 27 fev. 2018)

Vale notar que as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade estão associadas, de tal modo que quanto mais esquemática, for uma construção, mais produtiva e composicional ela será.

Entre os processos cognitivos de domínio geral arrolados por Bybee (2016 [2010]), vamos tratar, aqui, de *chunking*. O processo cognitivo de *chunking* (agrupamento) é responsável pela formação de estruturas mais complexas a partir de sequências de elementos que frequentemente coocorrem. Sequências repetidas são embaladas juntas em termos cognitivos de modo que a sequência pode ser tomada como uma única unidade (BYBEE, 2016 [2010]). É o que acontece, por exemplo, com as construções *dar panos para as mangas*, *marcar consulta*, *boca de*

siri, palpito infeliz. A força das relações sequenciais é determinada pela frequência com a qual dois elementos coocorrem, e isso constitui a base cognitiva subjacente para a morfossintaxe e sua organização hierárquica. Quanto mais a sequência de palavras for repetida e puder ser acessada junta, tanto mais será convencionalizada. Com base na organização da memória, *chunking* é um processo que influencia todos os sistemas cognitivos e representa uma propriedade tanto do nível da produção quanto da percepção, contribuindo significativamente para fluência e facilidade do uso da língua. Isso quer dizer que, embora extensa, uma cadeia de palavras pode ser produzida e processada mais facilmente se essas palavras podem ser acessadas em conjunto, devido à frequência de uso.

2 A construção SN+V+SN_{NU}

A construção de estrutura argumental SN+V+SN_{NU} é um dos padrões estruturais que instancia um esquema construcional transitivo superordenado. O sentido central, básico desse esquema é a expressão do evento transitivo prototípico, em que um agente intencional causa o afetamento ou efetramento⁴ de um participante paciente.

No padrão SN+V+SN_{NU}, o V pode ser instanciado por diferentes tipos de verbo, no que diz respeito à sua carga semântica. O SN_{NU}, por sua vez, é um Sintagma Nominal sem determinante (NU), que pode se flexionar em número e ter ou não modificadores, tais como adjetivo, locução adjetiva e oração relativa. No plano semântico, o SN_{NU} pode ser abstrato ou concreto.

As orações transitivas canônicas bem como as que se formam com verbos que se afastam semanticamente do evento transitivo prototípico instanciam um conjunto de microconstruções distintas as quais, por sua vez, podem ser correlacionadas a diferentes subesquemas representativos de um variado leque de graus de transitividade⁵. Os subesquemas da construção [SN+V+SN_{NU}] estão representados pelos diferentes *types* de verbo que podem atualizar esses subesquemas. Esses

⁴ Alguns objetos dos verbos que instanciam a construção transitiva são criados pela ação do verbo. Hopper (1987) chama esse caso de *objeto efetado*, para distingui-lo de objeto afetado.

⁵ A respeito do tratamento gradiente da transitividade, ver Furtado da Cunha e Silva (2018).

tipos de verbo se distribuem num *continuum* em verbo leve, verbo semileve e verbo não-leve⁶.

O verbo leve também é denominado *verbo suporte*, *verbo funcional*, *verbo geral*, *verbo operador*, *verboide* ou *verbalizador*, nas diversas pesquisas que tratam dele. Neste trabalho, usamos o termo *verbo leve* (*light verbs*, conforme JESPERSEN, 1965) para designar o verbo distanciado do seu significado básico.

Neves (2000, p. 53) toma os verbos-suporte como “verbos de significado bastante esvaziado que formam, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem outro verbo da língua.” Cita, como exemplo, “Odete **deu um grito**, alguém acendeu a luz”, em que a expressão em negrito corresponde a *gritou*. A autora esclarece que o verbo-suporte “funciona como instrumento morfológico e sintático na produção do predicado” (p. 54). Para Castilho (2010, p. 392), o verbo suporte é “um verbo fortemente preso a um substantivo, constituindo-se um sintagma verbal complexo”. Neves (2000, p. 54) distingue “construções com verbo semanticamente esvaziado + objeto que podem até manter relações de paráfrase com verbos simples, mas que não constituem verbos-suporte”, de expressões fixas, cristalizadas, como em “O homem FAZ PARTE da natureza”. Castilho (2010, p. 245), por sua vez, não faz essa distinção e se refere a “expressões idiomáticas ou formas cristalizadas, constituídas pela associação de classes tais como verbo-suporte + substantivo (por exemplo, em *dar-se conta*, *ter tempo*). Neste artigo, consideramos que tanto as expressões cristalizadas como aquelas em que temos um verbo semanticamente enfraquecido são resultado de *chunking* e o verbo que nelas ocorre é um verbo leve, conforme ilustrado em (2):

(2) Exposição vai dar destaque para mais de 500 trabalhos

Produtos artesanais, decorações de natal e demais itens estarão disponíveis para visitação (Manchete de notícia, Engeplus. Disponível em: <http://www.engeplus.com.br/noticia/artes-visuais/2017/exposicao-vai-dar-destaque-para-mais-de-500-trabalhos/>. Acesso em: 06 fev. 2018)

⁶Adotamos a denominação *verbo não-leve* porque a oposição, aqui, não se dá entre verbo pleno e verbo auxiliar, como tradicionalmente são definidas essas categorias. A distinção entre os tipos de verbo que atualizam o subesquema em foco tem a ver com o conteúdo semântico que veiculam, como veremos adiante.

Situado no extremo oposto do *continuum*, o verbo não-leve caracteriza-se por manter seu sentido referencial na oração de que faz parte, como em (3). Esse tipo de verbo também forma *chunks*, no entanto, a expressão formada por ele e o SN_{NU} que o acompanha mantém a composicionalidade e a analisabilidade.

(3) No vídeo, **a deputada afirma que não tinha conhecimento da dívida trabalhista** com os dois motoristas que empregou sem assinar carteira de trabalho e sem pagar os benefícios de devidos. (Notícia, Jornal do Brasil. Disponível em: <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2018/01/29/cristiane-brasil-afirma-que-nao-conhecia-processos-trabalhistas-contr-ela/>. Acesso em: 31 jan. 2018)

Ocupando posição intermediária no *continuum*, está o verbo semileve, o qual já está em processo de desbotamento semântico, passando a depender do entorno discursivo-pragmático para que se estabeleça o significado da expressão que integra a construção, como em:

(4) Cheguei na balada, toda bonitona, **querendo caçar confusão**.
O mundo gira ao meu redor, eu sou rica.
Doidinha pra **caçar confusão**. [...]
Ele já tem namorada e **tá querendo caçar confusão**. (Letra de música, Vagalume. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/deborah-priscila/linda.html>. Acesso em: 31 jan. 208)

Com relação ao SN que acompanha o verbo-suporte, Neves (2000, p. 54-55), afirma que este

entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação. [...] os verbos-suporte têm como complemento um sintagma nominal não-referencial, de modo que o complemento típico de verbos-suporte traz um substantivo sem determinante.

Castilho (2010, p. 492) segue a mesma direção ao assinalar que “o artigo se ausenta em substantivos de referencialidade indefinida que ocorrem [...] precedidos de verbo suporte.” De acordo com esse autor, o substantivo que segue o verbo suporte tem com este forte ligação e apresenta as seguintes características: ter baixa referencialidade, não vir antecedido de especificadores, não funcionar como argumento interno do verbo e não poder ser substituído por um pronome. Para Castilho (2010, p. 411), não há fronteira sintática entre o verbo suporte e o nome: “o SV complexo situa-se no intervalo entre a sintaxe, e sua liberdade de construção, e o léxico, com suas unidades “prontas”, com escassa possibilidade de intervenção.”

3 Subesquemas da construção SN+V+SN_{NU}

Os três subesquemas da construção SN+V+SN_{NU} são identificados com base no tipo semântico de verbo que os compõe – não-leve, semileve e leve.

O primeiro subesquema caracteriza-se pela presença de um verbo não-leve, o qual, ao formar um *chunk* com o SN_{NU}, conserva seu sentido denotativo, referencial. A interpretação semântica do *chunk* assim formado é altamente dependente do significado lexical dos dois itens que o constituem, ou seja, o verbo predicador e o SN_{NU} complemento. Vejamos as ocorrências seguintes:

(5) absurdo! **dar conta sem uso de cartão em plena sexta feira de feriado!** sem nenhum aviso prévio! no sac só fala p ir a agência (e passar o feriado sem ter como fazer nada), a ouvidoria nem atende em feriado! (Facebook, Banco do Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/bancodobrasil/posts/554135457941661>. Acesso em: 14 fev. 2018)

(6) **Amin Khader entrevista cantora que deu voz a personagem de Frozen**
Amin Khader marcou presença em um festival de Blues na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio, para entrevista a cantora Taryn Szpilman, **escolhida pela Disney para dar voz à personagem Elsa do filme Frozen**. (Notícia, Portal R7. Disponível em: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/balanco-geral-rj/videos/amin-khader-entrevista-cantora-que-deu-voz-a-personagem-de-frozen-25102017>. Acesso em: 27 fev. 2018)

Em (5), publicação em rede social de um banco brasileiro, o significado prototípico de *dar* e *conta* é mantido, indicando um evento de transferência, em que o banco forneceu à cliente uma conta bancária cujo acesso é sem cartão, impossibilitando que a cliente utilizasse a conta em um feriado.

O *chunk deu voz*, em (6), tem um sujeito agente e animado, *cantora*, que metaforicamente “transfere” sua voz, concebida como uma entidade concreta, para uma personagem, a fim de que esta ganhe vida em uma animação. Embora a expressão *dar voz* seja relativamente fixa, e o *chunk* ‘X dá voz a Y’ tenha se fixado a partir da frequência de uso de *dar* seguido de *voz*, o significado de suas partes internas ainda é identificável. Em função disso, esse *chunk* é [+ composicional] e [+ analisável], alinhando-se ao subesquema [SN+V_{NÃO-LEVE}+SN_{NU}]. O Quadro 1 apresenta as propriedades desse subesquema:

Quadro 1: Propriedades do subesquema [SN+V_{NÃO-LEVE}+SN_{NU}]

+ esquemático + produtivo + composicional

O subesquema [SN+V_{NÃO-LEVE}+SN_{NU}] é [+esquemático], já que nenhum de seus *slots* é lexicalmente determinado, o que possibilita que eles sejam preenchidos

por itens lexicais variados, na posição de SN (sujeito), na de [V_{NÃO-LEVE}] e na de [SN_{NU}], abstrato ou concreto. Esse subesquema é considerado [+produtivo] em termos de *type* porque esse padrão pode sancionar um variado número de expressões, ou seja, ser preenchido por muitos verbos e SN_{NU} diferentes. No entanto, é pouco produtivo em termos de *tokens*, se considerarmos a quantidade de instanciações que a ele correspondem no *corpus* investigado (32 (3,8%) dados). Quanto à composicionalidade, o significado do todo pode ser recuperado a partir do significado de cada item. Em nosso *corpus*, os *chunks* que instanciam esse subesquema são: *dar conta, dar voz, dar crédito, dar contribuição, ter ideia, ter conhecimento, pedir benção, pedir proteção, pedir demissão, pedir licença, encontrar paradeiro e cometer crime*.

O segundo subesquema da construção SN+V+SN_{NU} é representado como [SN+V_{SEMILEVE}+SN_{NU}]. Nesse caso, o verbo apresenta perda parcial de seu conteúdo semântico, mas o SN_{NU} mantém seu significado lexical. Ou seja, apenas o verbo tem seu significado desbotado, o que resulta em *chunks* parcialmente abstratizados. Ilustramos com algumas ocorrências:

(7) **Pessoa marca encontro** com vc porque está fazendo uma monografia e viu no lattes que é a mesma teoria com que vc trabalha. Marca na sua sala que tem seu nome na porta. Pessoa bate á porta. (Facebook, publicação em página pessoal, Disponível em: <https://www.facebook.com/Lebazi>. Acesso em: 22 maio 2016)

(8) A tecnologia **que deu voz** a duas meninas que não podiam falar [...] As duas nasceram com paralisia cerebral - e até então nunca tinham podido usar as próprias vozes para falar. Mas uma empresa de tecnologia, a Vocalid, está mudando isso ao combinar sons que as meninas conseguem emitir com vozes gravadas de outras pessoas. (Manchete de notícia, BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-41660164>. Acesso em: 27 fev. 2018)

No *chunk* em (7), o verbo *marcar* não é usado no sentido referencial de pôr marca, fazer marca, indicar, mas remete à ideia de agendar, o que indica que ele passou por desbotamento do seu significado básico. Já o SN_{NU} *encontro* mantém o sentido prototípico, isto é, designa ato ou efeito de encontrar, de estar em presença de alguém.

Na manchete de notícia de (8), o *chunk deu voz* é constituído por um verbo que parece estar no início do processo de desbotamento semântico. O *chunk* é empregado metaforicamente para designar que houve uma espécie de “transferência” de voz, no entanto, não há transferência efetiva, apenas abstrata, já que as duas meninas agora emitem voz por meio de um aparelho, referido

inicialmente como *a tecnologia* (termo retomado pelo relativo QUE na oração de que o *chunk* faz parte), sujeito inanimado e, portanto, incapaz de realizar transferência concreta.

Não obstante apresentem a mesma estrutura e os mesmos itens, os *chunks* em (6) e (8) distinguem-se por exibirem graus diferentes da propriedade de composicionalidade. Em (6), a instanciação é [+ composicional], visto que o sentido do todo é recuperável das partes componentes. O verbo *dar* aciona seu significado referencial – *transferir* – e o SN_{NU} *voz* aciona sua concepção básica – emissão de som. O fato de o verbo manter seu sentido referencial não impede a formação do *chunk*, uma vez que [V+SN_{NU}] constituem uma unidade simples. Por sua vez, o *chunk* em (8) é [+/- composicional], dado que o verbo *dar* é usado metaforicamente e o SN_{NU} *voz* é concreto. Quanto à analisabilidade, esse *chunk* é [+ analisável], pois seus itens podem ser identificados por meio de particularidades do seu significado individual. O Quadro 2 expõe as propriedades do subesquema [SN+V_{SEMILEVE}+SN_{NU}]:

Quadro 2: Propriedades do subesquema [SN+V_{SEMILEVE}+SN_{NU}]

+ esquemático +/- produtivo +/- composicional

O subesquema [SN+V_{SEMILEVE}+SN_{NU}] é [+esquemático] porque seus *slots* podem ser preenchidos por qualquer elemento que satisfaça as categorias que o formam: SN V_{SEMILEVE} e SN_{NU}, abstrato ou concreto. Em nosso *corpus*, a produtividade desse subesquema é baixa, apenas 16 *tokens*, distribuídos em 6 *types* de *chunks*: *dar voz*, *marcar encontro*, *montar equipe*, *caçar confusão*, *caçar briga* e *mover ação*. Por último, ele é [+/- composicional], uma vez que os *chunks* o instanciam estão em processo de desbotamento semântico.

O subesquema [SN+V_{LEVE}+SN_{NU}] caracteriza-se pelo enfraquecimento semântico do verbo o qual, junto com o [SN_{NU}], forma uma unidade, cujo sentido é determinado, em parte, pelas propriedades do SN_{NU} e, em parte, pelo contexto discursivo. O ponto crucial dos *tokens* desse subesquema é que, ao formarem um

chunk, o sentido do todo não é mais recuperável a partir do sentido das partes⁷. Tem-se, então, uma nova unidade de significado, um novo nó na rede armazenado na memória linguística dos falantes.

Os verbos leves funcionam apenas como portadores de categorias verbais (tempo, modo, número, pessoa), ou seja, “como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado”. (NEVES, 2000, p. 54). Nesse sentido, o núcleo do predicado está no nome que acompanha o verbo leve. Este é responsável pela definição dos papéis semânticos envolvidos na predicação. É o que podemos observar na ocorrência seguinte:

(9) **Devemos tomar partido!**

Terminei de ler o texto de Friederich Hebbel com o título “Viver Significa Tomar Partido”, Assim como ele, acredito que “Quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão, e partidário. (Artigo de opinião, Portal A Notícia. Disponível em: [http://www.portalanoticia.com.br/colunas/253/Devemos tomar partido](http://www.portalanoticia.com.br/colunas/253/Devemos_tomar_partido). Acesso 18 fev. 2018)

O *chunk tomar partido*, presente em (9), significa defender uma ideia, assumir uma posição. O emprego desse *chunk* parece emprestar maior precisão semântica para a expressão do sentido pretendido pelo escrevente, o que justifica sua escolha. Embora algumas expressões com verbos leves se assemelhem a outras com verbos plenos, como no caso de *dar um grito = gritar*, *fazer um aceno = acenar*, *dar uma olhada = olhar*, o uso de um verbo leve seguido de SN_{NU} não equivale exatamente, ao significado do verbo pleno a que se assemelha. Assim, o emprego do verbo leve acarreta algum efeito de sentido especial e, portanto, a interpretação da sequência V_{LEVE} + SN_{NU} não é idêntica à de V + SN.

(10) **Redes sociais deram voz a legião de imbecis**, diz Umberto Eco

Crítico do papel das novas tecnologias no processo de disseminação de informação, o escritor e filósofo italiano Umberto Eco afirmou que as redes sociais dão o direito à palavra a uma “legião de imbecis” que antes falavam apenas “em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade”. (Manchete de notícia, UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2015/06/11/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.jhtm>. Acesso em: 27 fev. 2018)

Em (10), o uso do *chunk deram voz* é metafórico, de modo que, para compreendê-lo adequadamente, o leitor terá de interpretar o contexto discursivo-pragmático da manchete da notícia, o que revela, mais uma vez, a importância do contexto no processo de significação. Nessa instanciação, o sujeito é inanimado, e,

⁷ Para uma discussão sobre o grau de fusão e de composicionalidade entre os elementos constituintes de uma construção, ver Furtado da Cunha e Bispo (2019).

por conseguinte, não-intencional, portanto incapaz de executar a ação de dar, transferir.

É importante assinalar que o mesmo *chunk dar voz* veicula significados relativamente diferentes em (6), (8), (10) e difere também quanto ao grau de composicionalidade e, conseqüentemente, de analisabilidade. As três ocorrências desse *chunk* ilustram os três tipos de subesquemas da construção SN+V+SN_{NU}: [SN+V_{NÃOLEVE}+SN_{NU}], [SN+V_{SEMILEVE}+SN_{NU}] e [SN+V_{LEVE}+SN_{NU}], respectivamente. Nessa direção, é possível perceber como o significado básico do verbo se modifica conforme o contexto em que é utilizado.

(11) Do jeito que está, ‘bate cabeça’ com a Secretaria de Obras. (Aliás, a tal “Infraestrutura Rural” dever ser retirada da nomenclatura. Deveria ser: “Secretaria Municipal de Agricultura e Agronegócio”) Atualmente, **direto e reto precisa pedir benção ao secretário de obras**. Ai meu amigo, o Secretário de Obras é irmão do prefeito, como tal, de certo pensa ter lá sua primazia. (Artigo de opinião, Patrocínio Online. Disponível em: <https://patrocinioonline.com.br/detalhes-blog/rubens-rocha-machado-senhor-credibilidade-254.html>. Acesso em: 06 fev. 2018)

No trecho de artigo de opinião em (11), que trata de assunto do domínio político, *pedir benção* significa solicitar a uma autoridade, como o responsável por alguma secretaria municipal, a agilidade para realização de alguma obra. Esse *chunk* aciona um sentido figurado, já que, em situações do mundo na área político-empresarial, o uso de *pedir benção* é um modo irônico convencionalizado para dizer que um indivíduo tem o apadrinhamento de alguém influente e, por isso, consegue verba e/ou autorização a fim de realizar algum projeto.

No Quadro 3, encontram-se as propriedades construcionais do subesquema [SN+V_{LEVE}+SN_{NU}]:

Quadro 2: Propriedades do subesquema [SN+V_{LEVE}+SN_{NU}]

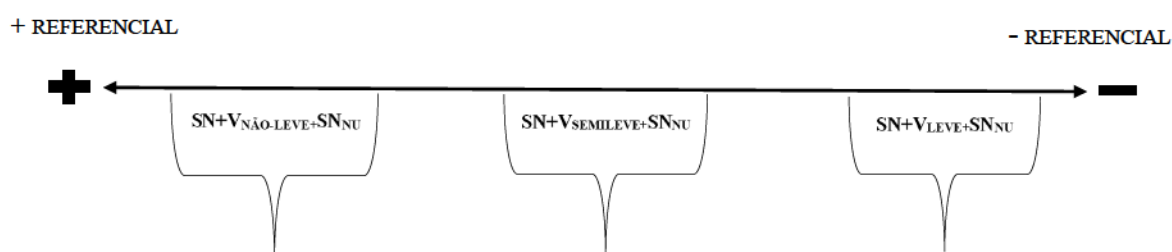
+ esquemático + produtivo - composicional

No tocante à esquematicidade, o subesquema [SN+V_{LEVE}+SN_{NU}] se comporta como os subesquemas anteriores: seus *slots* são preenchidos por qualquer [V_{LEVE}] seguido de Sintagma Nominal_{NU}. Esse subesquema é altamente produtivo em nosso *corpus*, tanto em termos de *tokens* (794 ocorrências) quanto em termos de *types* (92 *chunks* diferentes expressos por 20 verbos), representando 93,30% do total de dados coletados.

Com relação à propriedade de composicionalidade, as instâncias desse subesquema passam por processo de extensão semântica, sendo necessário acionar sentidos metafóricos, contextualmente determinados, para sua interpretação. Os verbos recrutados por esse subesquema são: *tomar, dar, abrir, ter, fazer, tirar, tocar, levar, prestar, ganhar, mandar, marcar, montar, botar, lançar, pagar, pegar, passar, pedir e ver*.

A análise dos subesquemas da construção [SN+V+SN_{NU}] levou ao estabelecimento de um *continuum* que distribui esses subesquemas com base no grau de enfraquecimento do sentido lexical do verbo e no grau de afastamento do sentido lexical do nome, bem como nas propriedades de produtividade e composicionalidade, conforme dispõe o Diagrama 1:

Diagrama 1: *Continuum* de distribuição dos subesquemas da construção [SN+V+SN_{NU}]



Na extremidade esquerda do *cline*, localiza-se o subesquema com os verbos não-levés, que preservam seu significado básico e formam *chunks* com o SN_{NU} que os segue. As instanciações desse subesquema são composicionais e analisáveis. A frequência com que esses itens são usados juntos os fundiu em uma única unidade que se convencionalizou, como podemos ver em: *aprovar projeto, mandar mensagem, pedir benção, pedir demissão, pedir licença, cometer crime, cometer suicídio, negar pedido*, entre outros. Registramos 24 *types* desse subesquema correspondentes a 32 *tokens*, o que equivale a 3,80% do total de dados.

O subesquema [SN+V_{SEMILEVE}+SN_{NU}] se posiciona no centro do *continuum* porque os verbos por ele recrutados não se abstratizaram totalmente, tampouco possuem significado referencial nítido. O SN_{NU} atua como principal gatilho para o sentido dos *chunks* desse subesquema, o qual parece estar no início de um processo de perda de composicionalidade. É o que acontece com *montar equipe*,

criar confusão e *ver vantagem*, por exemplo. Obtivemos somente 6 *types* de *chunks* desse subesquema distribuídos em 16 *tokens*, correspondendo a 1,90% do *corpus*.

Na extremidade direita do *cline*, temos o subesquema [SN+V_{LEVE}+SN_{NU}], cujas instanciações evidenciam forte fusão semântica entre o Verbo e o Sintagma Nominal_{NU} que o constituem. Esse subesquema apresenta perda de composicionalidade e de analisabilidade, uma vez que o leitor não consegue recuperar o significado do todo com base no significado de cada item. Alguns *tokens* registrados em nosso *corpus* são: *tomar coragem*, *dar cartaz* e *abrir inscrição*. Esse subesquema é altamente produtivo, tendo sido instanciado por 92 *types* de *chunks* distribuídos em 794 *tokens*, que correspondem a 93,30% do total de dados do *corpus*. Esse resultado ratifica a afirmação de Bybee (2016, p. 114) de que quando a alta esquematicidade de um padrão “se combina com alta frequência de tipo, o resultado é uma construção maximamente produtiva.”

Vale destacar que, ao tratar das construções de verbo+objeto, Neves (2000, p. 190) também propõe “um *continuum* diversificado internamente pelo grau de integração existente entre os dois elementos”. Num dos extremos, posicionam-se as expressões cristalizadas ou fossilizadas, que a autora denomina *expressões verbais* “em cuja coligação não existe nenhuma liberdade, e que constituem, pois, verdadeiras ‘fórmulas’ de significado unitário, em que nem mesmo parece ser possível postular um SN em posição de objeto”. São “blocos cristalizados” com “significado global unitário”.

No outro extremo do *continuum*, Neves situa combinações que juntam verbos plenos e nomes complementos, como *consolidar a estrada*, *findar propostas*, *pacífica corpo e alma* e *sublinha a fala de Joana*, em que os dois elementos exercem os papéis de predicado e argumento, mantendo “total individualidade semântica.” Na posição intermediária do *continuum*, Neves dispõe os verbos-suporte, com “certo grau de esvaziamento⁸ do sentido lexical”, mas que contribuem para “o significado total da coligação”, como em *deu um riso*, *dar uma investida*, *dar uma olhada* e *ter confiança*. A autora assinala que o nome que acompanha o verbo-suporte é frequentemente uma nominalização.

⁸ A questão do “esvaziamento” do sentido lexical do verbo é discutível. Se o verbo não preservasse ao menos parte do seu conteúdo semântico, ele poderia ser usado em qualquer contexto e se associar a qualquer SN, o que não acontece. Há certa preferência por determinadas combinações de verbo (não-leve, semileve e leve) + SN_{NU}. O fato de o verbo poder se combinar com alguns SN e não com outros mostra que seu significado não se perde(u) completamente.

A comparação entre o *continuum* que sugerimos aqui para os subesquemas da construção [SN+V+SN_{NU}] e aquele proposto por Neves (2000) mostra algumas diferenças relacionadas, sobretudo, ao objeto de estudo das duas análises. A autora está interessada nos tipos de combinação verbo+objeto com ou sem determinante, ao passo que nosso interesse recai na relação V+SN_{NU}. Nessa linha, observamos os tipos de verbo que podem instanciar essa relação, tomada como um *chunk*, com base no grau de enfraquecimento semântico do verbo: V não-leve, semileve e leve. Neves, por sua vez, faz distinção entre expressões cristalizadas e arranjos com verbos-suporte. Em nossa proposta, fazem parte do grupo dos verbos leves aqueles que, na classificação de Neves, ocorrem tanto em expressões cristalizadas dispostas num dos extremos do *continuum* (*tem cabeça, tomou partido*) quanto os que ela designa verbos-suporte, em posição intermediária. Em comum, as duas propostas têm por base o grau de fusão e, conseqüentemente, analisabilidade, dos elementos verbal e nominal.

4 Caracterização do verbo e do SN_{NU} da construção

Nesta seção, discutimos propriedades do verbo e do SN que compõem os *chunks* objeto deste artigo.

Primeiramente, tratamos das instanciações com os verbos mais recorrentes no *corpus* investigado. Quanto ao tipo semântico, esses verbos podem ser classificados como: de ação (*dar apoio, tomar conta, abrir fogo*), de processo (*tomar juízo, levar vantagem, passar vexame*) e de estado (*ter posse, ter prejuízo*).

Ao analisarmos a construção [SN+V+SN_{NU}], constatamos que os verbos leves *tomar, dar, abrir, ter, fazer* são os mais frequentes na instanciação de *chunks* no PB. No conjunto de dados coletados, o verbo *tomar* é o que lidera as ocorrências, correspondendo a 36,22% do total de dados, equivalentes a 305 *tokens*. Esse verbo é de natureza polissêmica e se distancia do seu sentido lexical primeiro para atuar com qualquer tipo de SN em um *chunk*⁹. O *slot* correspondente ao objeto direto pode ser preenchido tanto por nomes abstratos, como *gosto, partido, posse, coragem, vergonha, providência, consciência, conhecimento, cuidado, benção, bronca,*

⁹ O dicionário de Borba (2002, p. 1548-1549) registra 36 diferentes significados para o verbo *tomar*, dependendo da sua classificação semântica: ação-processo (9), ação (8), processo (4) e estado (1). Como verbo suporte, o dicionário arrola 14 expressões. A primeira entrada apresenta *tomar* como verbo de ação-processo, com os significados *arrebatar, arrancar, tirar*.

decisão, satisfação, juízo, conta, quanto por nomes prototipicamente concretos, como *frango, gol, bala, vento, rumo*. Vejamos algumas instanciações dos *chunks* constituídos por esse verbo:

(12) Detentos fogem da única penitenciária de segurança máxima de Minas, a Nelson Hungria [...] Eles serraram a grade e usaram uma teresa – corda improvisada com pano – para descer a muralha e **tomar rumo desconhecido**. (Notícia, Itatiaia. Disponível em: <http://www.itatiaia.com.br/noticia/detentos-fogem-da-unica-penitenciaria-de-segu>. Acesso em: 18 fev. 2018)

No *chunk* destacado em (12), o sentido lexical de *rumo* (destino, orientação) é mantido, o que contribui para a interpretação dessa unidade. O adjetivo *desconhecido* modifica o *chunk* como um todo, de modo que o leitor da notícia possa compreender que não se sabe que direção os detentos seguiram.

(13) Agora vamos imaginar uma conversa, que você tenha com alguém, vida real ou chat. A pessoa fala sobre um assunto, a outra não sabe, tem um ligeiro interesse, e pergunta. Aí você fala “Ah! Vai pro Google pesquisar!” É assim que **uma discussão decente, principalmente entre amigos, deve tomar rumo?** (Publicação WordPress, Saco de Pensamentos de R. L. Disponível em: <https://rafaoliveiralopes.wordpress.com/tag/facebook/>. Acesso em: 18 fev. 2018)

Na ocorrência em (13), por sua vez, o sentido de *tomar rumo* é metaforizado a partir da concepção de jornada. Baseando-se em suas experiências físicas no mundo, o escritor e os leitores da publicação conceptualizam *discussão* como uma jornada, e o *chunk*, embora ainda remeta à ideia de percurso, é usado em sentido figurado, pois não houve um deslocamento das pessoas envolvidas na discussão, mas sim da própria *discussão*, que chegou a um ponto de desentendimento entre os amigos envolvidos no diálogo. Com o verbo *tomar*, encontramos os seguintes *chunks*: *tomar partido, tomar posse, tomar coragem, tomar providência, tomar consciência, tomar conhecimento, tomar cuidado, tomar benção, tomar rumo, tomar conta, tomar gosto, tomar juízo, tomar vento, tomar decisão, tomar bala, tomar satisfação, tomar frango, tomar bronca, tomar gol e tomar vergonha*.

Outro verbo com alta produtividade na formação de *chunks* em nosso *corpus* é *dar*. Esse verbo representa 26,72% do total de dados, equivalentes a 225 *tokens*, distribuídos em 21 *types*. Prototipicamente, *dar* é ditransitivo e “sua semântica lexical (*i.e.*, sua moldura semântica) é idêntica à semântica da construção ditransitiva” (FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 118). *Dar* conceptualiza um evento de transferência em que ‘X dá Y para Z’, ou seja, uma estrutura triargumental de que fazem parte quem fez a transferência (*delegado*), para quem ela foi feita (*PM_S*) e o objeto transferido (*voz de prisão*), como em (14):

(14) **Delegado dá voz de prisão a PMs** em Taguatinga e clima fica tenso (Manchete de notícia, Metrôpoles. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/delegado-da-voz-de-prisao-a-pms-em-taquatinga-e-clima-fica-tenso>. Acesso em: 27 fev. 2018)

Na ocorrência em (14), há dois *chunks*: *dar voz* e *voz de prisão*. *Dar voz de prisão* é uma atividade que pode ser metaforicamente interpretada como um evento de transferência, em que aquilo que é dito (*voz de prisão*) é transferido para um interlocutor (*PMs*). Por meio de uma metáfora comum, a fala sairia, como em movimento, de um falante para um ouvinte; o ouvinte é o destino final da ação¹⁰. Esse é mais um caso em que os usuários da língua fazem uma interpretação figurativa, em que o sentido do todo não é recuperável do sentido das partes constituintes.

Contudo, nem todos os *chunks* com *dar* têm três argumentos, de modo que quanto mais esse verbo se afasta do seu sentido prototípico de transferência, tanto mais seu padrão sintático-semântico se afasta da estrutura triargumental.

O verbo *dar* ocorreu nos seguintes *chunks*: *dar conta*, *dar voz*, *dar retorno*, *dar liga*, *dar cartaz*, *dar crédito*, *dar bandeira*, *dar destaque*, *dar testemunho*, *dar assistência*, *dar chiquete*, *dar vexame*, *dar contribuição*, *dar conselho*, *dar apoio*, *dar audiência*, *dar entrada*, *dar nome*, *dar proteção*, *dar satisfação* e *dar vida*.

O verbo *abrir* é o terceiro verbo mais frequente nos dados analisados. Ele participa de 97 *tokens*, equivalentes a 11,52% do *corpus*, com 8 *types* de *chunks*, quais sejam: *abrir inscrição*, *abrir brecha*, *abrir caminho*, *abrir sistema*, *abrir mão*, *abrir fogo*, *abrir espaço* e *abrir inquérito*. No fragmento em (15), vemos o *chunk* *abriu brecha*:

(15) [...] Autor do projeto de lei que quer liberar o tratamento para reversão de orientação sexual, o deputado federal Ezequiel Teixeira (Pode/RJ) comemorou nesta terça-feira (19) a decisão da Justiça Federal **que abriu brecha para a “cura gay”**. (Notícia, Em.com.br. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/09/20/interna_politica,901982/deputado-autor-projeto-cura-gay-camara-95-apoiam-juiz.shtml. Acesso em: 21 set. 2017)

Geralmente empregado em textos relacionados à área jurídica, *abrir brecha* transmite a ideia de dar oportunidade, ou seja, também aciona um sentido abstratizado. Em notícias, é comum encontrarmos termos técnicos ou jargões

¹⁰ Esse é um caso de metáfora do conduto, definida por Reddy (1979). Ela opera quando o falante “insere” seu conteúdo mental (ideias, significados, conceitos etc.) em recipientes (palavras, frases, orações etc.), cujo conteúdo é então “extraído” pelo seu interlocutor para que a unidade linguística seja interpretada.

próprios da área à qual a informação divulgada pertence. Essa pode ser uma das funções do *chunk*, atuar como um termo específico de determinada área, por designar um sentido próprio.

O verbo *ter* também integra o *corpus*, correspondendo a 62 *tokens*, ou seja, 7,36% do total de dados, distribuídos em 14 *types* de *chunks*. São eles: *ter ideia*, *ter noção*, *ter passagens*, *ter vergonha*, *ter conhecimento*, *ter cuidado*, *ter coragem*, *ter licença*, *ter juízo*, *ter opinião*, *ter piedade*, *ter prejuízo*, *ter prisão*, *ter posse*. Vejamos o fragmento a seguir:

(16) **Suspeito de roubo de carro morto pela PM tinha passagens por falsificação, tráfico e homicídio** (Notícia, Bonde News. Disponível em: <http://www.bonde.com.br/bondenews/policia/suspeito-de-roubo-de-carro-morto-pela-pm-tinha-passagens-por-falsificacao-trafico-e-homicidio-453393.html>. Acesso em: 06 fev. 2018)

O *chunk tinha passagens*, na notícia reproduzida em (16), é comum na esfera policial, usado para expressar um sentido já convencionalizado nessa esfera – *ter passagens* significa que o suspeito fora fichado anteriormente pela polícia por ter cometido outros delitos. Assim, esse *chunk* não poderia ser substituído pelo verbo pleno *passou*. A constituição desse *chunk* e sua convencionalização não são arbitrárias, visto que ele ativa um procedimento frequente na área policial: o de verificar se o suspeito já tem/possui registro na polícia por ato infracional. A respeito disso, Bybee (2016, p. 147) afirma que o uso convencionalizado de “formas linguísticas refletem situações convencionalizadas a que as pessoas se referem frequentemente”. Neves (1996, 2011) assinala que uma das funções das construções verbo-nome é designar um termo técnico/próprio de uma área específica à qual pertencem, atribuindo ao texto melhor adequação comunicativa, tal como acontece com *tinha passagens* em (16). A recorrência desse *chunk* está, portanto, estreitamente relacionada ao objetivo discursivo dos textos em que ele ocorre.

Em nosso banco de dados, o verbo *fazer* ocorre em 38 *chunks* divididos em 8 *types*, o que equivale a 4,51% do total de ocorrências. É um verbo que, por ser altamente polissêmico¹¹, possibilita a formação de variados *chunks*. Em (17), temos *fazer pronunciamento*, frequentemente empregado na área da política:

¹¹ No dicionário de Borba (2002, p. 1532) são listados 67 significados para *fazer*, além de 69 expressões idiomáticas com esse verbo.

(17) **Temer faz pronunciamento, dá chilique**, e diz aos gritos que não renunciará. Em seu tão esperado discurso à Nação, o presidente Temer falou na queda da inflação (ignorando que a mesma se dá graças à crise e queda na renda), numa guinada econômica que só ele vê. Após cerca de dois minutos falando, o presidente começou a mostrar um tom mais bravo e, aos gritos, disse que não renunciará e **deu chilique** ao dizer que quer investigações rápidas. (Manchete de notícia, Plantao Brasil. Disponível em: <https://www.plantaobrasil.net/news.asp?nID=97465>. Acesso em: 31 jan. 2018)

O *chunk* formado pelo verbo *fazer* + *pronunciamento* denota um ato comunicativo que foi realizado pelo presidente da nação brasileira no ano de publicação da notícia. O SN_{NU} *pronunciamento* empresta seus traços semânticos ao verbo, e essa fusão entre verbo e SN_{NU} resulta num *chunk* usado para se referir a um evento único, em que verbo e SN formam um todo não analisável. O ato comunicativo expresso por *fazer pronunciamento* é parte das experiências mais frequentes na esfera política, na qual um representante de uma nação frequentemente faz declarações à população do país. Em virtude disso, o emprego desse *chunk* é discursivamente motivado no fragmento em que ocorre.

Em (17) há ainda outro *chunk*, *dar chilique*, com duas ocorrências. Essa sequência denota um ataque nervoso sem motivo aparente. O *chunk* aciona uma leitura metafórica, uma vez que o verbo *dar* não é usado no seu sentido referencial de transferência, sendo o SN_{NU} *chilique* responsável pela particularização do sentido da sequência.

No tocante ao fator discursivo-pragmático, vimos o efeito de sentido que o uso de *chunks* formados por V+ SN_{NU} acarreta; alguns deles se especializam em determinadas áreas, convencionalizando-se como termo técnico próprio dessas áreas. Nessa linha, esse tipo de *chunk* pode acionar experiências frequentes nas esferas sociais em que são empregados, a exemplo dos domínios policial e político.

Embora alguns dos *chunks* aqui discutidos já tenham adquirido, via repetição de uso, uma carga semântica particular, é no entorno comunicativo em que estão inseridos, juntamente com a esfera social a que remetem e o propósito comunicativo do enunciador, que a negociação e o estabelecimento de seu sentido acontecem.

Passamos agora a discutir propriedades do SN_{NU}, que pode ter flexão de número e ser seguido ou não de adjuntos e complementos. Em nossos dados, apenas o SN do *chunk tinha passagens* (14 ocorrências) está flexionado no plural, nas demais ocorrências ele está no singular.

Em relação à natureza semântica do SN_{NU}, prevalecem nos dados os substantivos abstratos, aqueles que “não tendo um referente independente, constituem-se em atos, eventos, estados relacionados a seres, coisa ou estados de coisas.” (BORBA, 2002). A Tabela 1 exibe a quantificação dos SN_{NU} em relação aos traços concreto/abstrato e à sua distribuição nos subesquemas da construção [SN+V+SN_{NU}].

Tabela 1: Quantificação dos SN_{NU} de acordo sua natureza semântica

SUBESQUEMA [SN+V _{NÃOLEVE} +SN _{NU}]		SUBESQUEMA [SN+V _{SEMILEVE} +SN _{NU}]		SUBESQUEMA [SN+V _{LEVE} +SN _{NU}]		TOTAL GERAL	
Concreto	Abstrato	Concreto	Abstrato	Concreto	Abstrato	Concreto	Abstrato
16 (1,90%)	16 (1,90%)	2 (0,24%)	14 (1,66%)	2 (0,24%)	792 (94,06%)	20 (2,38%)	822 (97,62%)
32 (3,80%)		16 (1,90%)		794 (94,30%)		TOTAL 842 (100%)	

Os números da Tabela 1 confirmam a caracterização do SN que acompanha o verbo leve (NEVES, 2000; BORBA, 2002; CASTILHO, 2010). Verificamos que a ocorrência de substantivos abstratos e, portanto, menos referenciais, é essencialmente significativa, 822 (97,62%) *tokens* do total de 842, especialmente com verbos leves (94,06%). A natureza abstrata e menos referencial do SN_{NU} favorece a formação de *chunks*, por meio da integração desse nome ao verbo, tendo como resultado uma única unidade. Desse modo, nos *chunks* com verbo leve, o SN_{NU} funciona como núcleo do predicado, emprestando ao verbo sua carga semântica.

5 As funções dos *chunks* V+SN_{NU}

Um ponto a ser abordado diz respeito à afirmação de que o significado da construção com verbo-suporte é “geralmente” correspondente ao que tem um outro verbo da língua, como bem salienta Neves (2000). De fato, se, por um lado, podemos considerar que *tomar conhecimento* é equivalente a *conhecer*, *dar contribuição* corresponde a *contribuir*, *tomar decisão* iguala-se a *decidir*, por outro lado, não é possível encontrar um verbo equivalente a, por exemplo, *dar voz*, *abrir fogo*, *ter juízo*, *fazer sentido*, *tomar partido*. Isso parece demonstrar que a construção SN+V+SN_{NU} é usada pelo escritor/falante para expressar significados para os quais não existe uma palavra disponível no inventário lexical do PB (BAGNO, 2011). Essa lacuna é então preenchida por meio de um *chunk*, o que leva

à constatação da impossibilidade de se fixar fronteiras nítidas entre léxico e gramática, como postula a LFCU. Nesse sentido, cabe a pergunta formulada por Ilari e Basso (2008): o que justificaria a existência, na língua, da construção verbo leve + SN_{NU}, que vai de encontro ao princípio de economia (JESPERSEN, 1924; ZIPF, 1935; MARTINET, 1964; HAIMAN, 1983; GIVÓN, 1985, entre outros), visto que já existem verbos que recobrem o conteúdo expresso por tal construção? Em conformidade com a LFCU, se duas formas têm significados semelhantes, então elas devem desempenhar funções discursivo-pragmáticas diferentes. Para Neves (2000) e Ilari e Basso (2008), a resposta a essa pergunta tem a ver com a versatilidade sintática e discursiva que o *chunk* (construção com verbo-suporte, na terminologia desses autores) manifesta. Ou seja, ao optar pelo uso de um *chunk*, o escritor/falante confere ao discurso algum efeito especial, de modo que a escolha por um dos dois tipos de codificação não produz o mesmo resultado.

Dentre as várias funções que Neves (2000, p. 55) atribui às “construções com verbo-suporte”, destacamos algumas constatadas em nosso *corpus*. No plano sintático, o uso de um *chunk* favorece a intensificação (*maior*) e a adjetivação (*prometida*, *efetivas* e *contínuo*) do SN_{NU}, como se pode ver em:

(18) **Google News dará maior destaque a agências de notícias locais**

(Notícia, Itmídia. Disponível em: <http://idgnow.com.br/internet/2016/05/09/google-news-dara-maior-destaque-a-agencias-de-noticias-locais/>. Acesso em: 06 fev. 2018)

(19) **PT não deu contribuição prometida para campanhas do PTB**, diz Jefferson

(Notícia, UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/economia/ultnot/valor/2005/06/14/ult1913u31410.jhtm>.

Acesso em: 31 jan. 2018)

(20) **MP deve tomar providência efetivas sobre denúncia de tortura de presos em Parauapebas**

(Notícia, OAB Pará. Disponível em: <http://www.oabpa.org.br/index.php/noticias/4065-mp-deve-tomar-providencia-efetivas-sobre-denuncia-de-tortura-de-presos-em-parauapebas>. Acesso: 20 fev. 2018)

(21) Hilda Hilst, contra o medo de nomear o corpo humano da cintura para baixo

Flip 2018 homenageia a poetisa, que em vida foi considerada uma escritora hermética.

[...] Nos últimos 13 anos – como prova irônica de que estava certa quando disse que “parece que os críticos adoram escritor morto, você tem que morrer para ser lembrado” –, **começou a ganhar destaque contínuo**.

(Notícia, El País Brasil. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/05/cultura/1512503369_552641.html. Acesso em: 05 dez. 2017)

O emprego de um *chunk* com verbo leve, quer exista ou não um verbo pleno correspondente na língua, possibilita o acréscimo de termos integrantes ou

acessórios à oração de que o agrupamento V+SN_{NU} faz parte, como nos dados a seguir. Nesse sentido, pode-se falar em *chunks* transitivos e intransitivos, que abrem ou não valência para um complemento do SN_{NU}:

(22) O Relações Institucionais de uma empresa de telemarketing, Douglas Fernandes, em que uma mulher morreu na manhã desta quarta-feira (24), aos 26 anos de idade, disse que **a empresa vai dar toda assistência a família** [...] (Notícia, O Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2015/06/empresa-em-que-mulher-morreu-vai-dar-assistencia-familia.html>. Acesso em: 06 fev. 2018)

(23) Sem liberdade de pensamento não há democracia; sem democracia não há cidadania. Por isso, **toda escola tem que tomar partido: o do justo, o da igualdade, o da promoção de um mundo sem discriminação**. (Artigo de opinião, Huff Post Brasil. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/debora-diniz/toda-escola-tem-que-tomar-partido-a-21694286/>. Acesso em: 18 fev. 2018)

(24) O Arcebispo Primado do México, Cardeal Norberto Rivera Carrera, assinalou que **a Igreja não toma partido por nenhum grupo político** [...] (Notícia, Acidigital. Disponível em: <http://www.acidigital.com/noticias/orientar-aos-fieis-nao-e-tomar-partido-por-nenhum-grupo-afirma-cardeal-mexicano-93387/>. Acesso em: 18 fev. 2018)

(25) De maneira diferente são os órgãos de imprensa escrita ou de internet, **que podem tomar partido de determinadas candidaturas**. (Notícia, O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/toffoli-imprensa-escrita-tem-direito-de-tomar-partido-em-campanhas-politicas-7389274>. Acesso em: 18 fev. 2018)

Em (22), o *chunk dar assistência* é modificado por *toda* e tem *a família* como objeto indireto, preservando, assim, o papel semântico de recipiente perfilado pelo sentido básico de verbo *dar*. Em (23), (24) e (25) ocorre o mesmo *chunk*, *tomar partido*, ao qual é anexado um aposto que enumera as esferas a favor de quais a escola deve se posicionar: *o do justo, o da igualdade, o da promoção de um mundo sem discriminação*, um complemento nominal (*por nenhum grupo político*) e um adjunto nominal (*de determinadas candidaturas*), respectivamente.

A maioria dos SN_{NU} investigados apresenta-se tanto com complemento quanto sem complemento. A depender do contexto em que foi empregado, o mesmo *chunk* pode ser transitivo ou intransitivo. É o caso de *tomar partido*, com 42 *tokens*, dentre os quais 15 são transitivos, como (23-25), e 27 são intransitivos, como (26):

(26) A professora respira e vai: veja bem, não podemos dizer que vivemos em uma sociedade machista porque **seria tomar partido**. Temos de ver o lado do assassino, ver o que ela fez. (Artigo de opinião, APEOESP. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias-2017/escola-sem-partido-placas-nas-escolas-vaio-dizer-o-que-o-professor-nao-pode-fazer/>. Acesso em: 18 fev. 2018)

Conforme descrito anteriormente, o material empírico que embasa esta análise provém de textos coletados da *internet*. Nesses textos, as modalidades escrita e oral

se confundem, uma vez que eles são materializados no modo escrito, mas, em muitos casos, a forma de produção se aproxima da oralidade, dado que as frases são breves, as orações não possuem encadeamento, remetendo à necessidade de rapidez comunicativa, própria da interação face a face manifestada em textos digitais. Nesse contexto, é frequente o uso de *chunks*.

Também foi demonstrado, aqui, que os *chunks* se convencionalizam como termos técnicos ou jargões de determinadas áreas do conhecimento e/ou esferas sociais. Nesse sentido, a escolha pelo uso de um *chunk* em um dado domínio temático parece facilitar tanto a produção quanto o processamento do discurso.

Cabe, ainda, salientar o efeito pragmático que o emprego de um *chunk* pode causar, como ilustra a ocorrência em (17), repetida a seguir:

(17) **Temer faz pronunciamento, dá chilique**, e diz aos gritos que não renunciará. Em seu tão esperado discurso à Nação, o presidente Temer falou na queda da inflação (ignorando que a mesma se dá graças à crise e queda na renda), numa guinada econômica que só ele vê. Após cerca de dois minutos falando, o presidente começou a mostrar um tom mais bravo e, aos gritos, disse que não renunciará e **deu chilique** ao dizer que quer investigações rápidas. (Manchete de notícia, Plantão Brasil. Disponível em: <https://www.plantaobrasil.net/news.asp?nID=97465>. Acesso em 31 jan. 2018)

As duas ocorrências de *dar chilique* nesse fragmento colaboram, de maneira vívida e expressiva, para a transmissão da cadeia de ações que estão sendo descritas. Note-se a avaliação depreciativa do comportamento de Temer com o uso da sequência *dar chilique*. Nesse caso, não existe, na língua, um verbo pleno adequado à expressão dessa cena. O *chunk* comunica, de modo eficaz, a atitude do presidente Temer ao fazer o pronunciamento, corroborada pelas sequências *diz aos gritos que não renunciará*, *começou a mostrar um tom mais bravo* e *aos gritos, disse que não renunciará*.

Considerações finais

Os chamados verbos-suporte têm sido alvo de muitos trabalhos que adotam diferentes perspectivas teóricas. Sua natureza peculiar e seu uso corrente justificam o interesse de gramáticos e linguistas.

Tratamos, aqui, da construção SN+V+SN_{NU} sob a perspectiva da LFCU e da Gramática de Construções. Caracterizamos os subesquemas dessa construção em termos dos verbos que os constituem e das propriedades de esquematicidade,

produtividade e composicionalidade. Buscamos demonstrar como os padrões construcionais [SN+V_{NÃO-LEVE}+SN_{NU}], [SN+V_{SEMILEVE}+SN_{NU}] e [SN+V_{LEVE}+SN_{NU}] se distribuem num *continuum*, conforme o grau de enfraquecimento do sentido do verbo. À medida que o verbo se distancia do seu significado original, ele é ressemantizado e, conseqüentemente, recategorizado, refletindo um processo de neoanálise, mecanismo responsável por uma nova representação na mente do falante (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nessa perspectiva, o *continuum* proposto tem por base diferentes segmentações entre o V e o SN_{NU}: num extremo da escala, esses elementos mantêm seu significado básico, não obstante formem *chunks*, como no caso dos verbos não-leves; no extremo oposto, tais elementos manifestam amálgama semântico convencionalizado, visto que o significado do todo não é dedutível da soma do significado de seus constituintes; na posição intermediária, o V_{SEMILEVE} se afasta do seu significado básico e, em conjunto com o SN_{NU}, se ressemantiza e ganha uma nova interpretação.

Apresentamos algumas evidências de que a sequência V+SN_{NU} constitui *chunks* no PB. A produtividade de *types* e *tokens* desses *chunks* se confirma no conjunto de textos coletados da *internet* que serviram como material empírico para a investigação. Analisamos a morfossintaxe e a semântica das instanciações desses *chunks*, bem como algumas das funções discursivo-pragmáticas que eles podem desempenhar. Essas funções, assim como a lacuna lexical que algumas das sequências V+SN_{NU} preenchem, comprovam a motivação para a existência e o uso dessas unidades sintático-semânticas.

Referências

- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BORBA, F. S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. M. A. Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAVES, A. dos S. S.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Chunking na esfera digital do português brasileiro: uma abordagem centrada no uso. *In*: BISPO, E. B.;

CORDEIRO, F. da S. (orgs.). Anais do Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática: Construction grammar: theoretical and practical issues, 10, Natal-RN. *Anais...* Natal: EDUFRRN, 2019. p. 75-106.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. In: FRIED, M.; OSTMAN, J. (eds.). *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 273-314.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985, p. 343-65.

FURTADO DA CUNHA, M. A. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. *D.E.L.T.A.*, v. 33, p. 109-132, 2017.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; Autor, M. A. (orgs.) *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, p. 13-39, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do GELNE*, v. 15, n. 1/2, p. 49-75, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, volume especial, p. 55-67, 2016.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R. Transitividade: do verbo à construção. *Revista Linguística*, v. 14, n. 1, p. 48-64, 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. *Soletras*. n. 37, p. 103-116, 2019.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a Construction Grammar approach to Argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, p. 139-157, 1987.

JESPERSEN, O. *A modern English grammar on historical principles*. London: George Allen and Unwin Ltd, 1965.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. v. I. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Construction grammars: Cognitive, radical and less so*. In: IBAÑEZ, F. J. R de M.; CERVEL, S. P. (eds.). *Cognitive linguistics: Internal dynamics and interdisciplinary interaction*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 101-159.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MARTINET, A. *Elementos de linguística geral*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1964.

NEVES, M. H. M. *Estudo das construções com verbo-suporte em Português*. In: KOCH, I. G. V. *Gramática do Português Falado*. vol. VI: Desenvolvimentos. São Paulo: FAPESP, Editora da UNICAMP, 1996. p. 201-229.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. *A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbo-suporte*. In: NEVES, M. H. M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

REDDY, M. *The conduit metaphor*. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284–310.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Recebido em 10/07/2019

Aceito em 17/10/2019